

## LEMBRANÇAS ENCOBRIDAS (1899)

### NOTA DO EDITOR INGLÊS

#### ÜBER DECKERINNERUNGEN

##### (a) EDIÇÕES ALEMÃS:

1899 *M Schr. Psychiat. Neurol.*, 6 (3), 215-30. (Setembro.)

1925 *G.S.*, 1, 465-88.

1952 *G.W.*, 1, 531-54.

##### (b) TRADUÇÃO INGLESA:

“Screen Memories”

1950 *C.P.*, 5, 47-69 (Trad. de James Strachey.)

A presente tradução é uma reedição ligeiramente revista da que foi publicada em 1950.

Uma carta inédita de Freud a Fliess, de 25 de maio de 1899, narra que, naquela data, este artigo fora enviado ao editor do periódico em que apareceria mais tarde, naquele mesmo ano. Freud acrescenta que ficara imensamente satisfeito durante sua produção, fato que considerava um mau presságio para seu futuro destino.

O conceito de “lembranças encobridoras” foi aqui introduzido por Freud pela primeira vez. Sem dúvida fora trazido à baila por seu exame do caso específico que ocupa a maior parte do artigo, caso esse a que ele aludira numa carta a Fliess de 3 de janeiro de 1899 (Carta 101). Entretanto, esse tema estava intimamente relacionado com vários outros que já vinham ocupando sua mente por muitos meses - de fato, desde que ele se envolvera em sua auto-análise, no verão de 1897 -, problemas referentes ao funcionamento da memória e suas distorções, à importância e *raison d'être* das fantasias, à amnésia que cobre nossos primeiros anos de vida e, por trás de tudo isso, à sexualidade infantil. Os leitores das cartas a Fliess encontrarão muitas abordagens da presente discussão. Ver, por exemplo, os comentários sobre as fantasias no Rascunho M, de 25 de maio de 1897, e na Carta 66, de 7 de julho de 1897. As lembranças encobridoras analisadas por Freud ao final do Capítulo IV da edição de 1907 de *Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana* (1901b) remontam a esse mesmo verão de 1897.

É curioso que o tipo de lembrança encobridora predominantemente examinado neste artigo - o tipo em que uma lembrança anterior é usada como uma tela para encobrir um evento posterior - quase desaparece da literatura subsequente. O que passou desde então a ser considerado como o tipo usual - aquele em que um acontecimento anterior é encoberto por uma lembrança posterior - mal chega a ser mencionado aqui, embora passasse a ser o tipo abordado por Freud, de maneira quase exclusiva, apenas dois anos depois, no capítulo de *Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana* acima mencionado. (Ver também nota de rodapé, ver em [1].)

O interesse intrínseco deste artigo foi imerecidamente obscurecido por um fato externo a ele. Não era difícil adivinhar que o incidente nele descrito era realmente autobiográfico, o que se converteu numa certeza após o aparecimento da correspondência com Fliess. Muitos dos detalhes, entretanto, podem ser encontrados nos escritos publicados de Freud. Assim, as crianças da lembrança encobridora eram, de fato, seu sobrinho John e sua sobrinha Pauline, que aparecem em vários pontos de *A Interpretação dos Sonhos* (1900a). (Cf., por exemplo, Edição *Standard Brasileira*, Vol. V, ver em [1], [2], [3], [4] [5], IMAGO Editora, 1972.) Eram filhos de seu meio-irmão mais velho, mencionado no Capítulo X de *Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana* (1901b), *ibid.*, Vol. VI, ver em [1], IMAGO Editora, 1976. Esse irmão, depois da dispersão da família em Freiberg, quando Freud tinha três anos, estabeleceu-se em Manchester, onde Freud o visitou aos dezoito anos de idade - e não aos vinte, como implicado aqui (ver em [1]) -, visita essa a que é feita uma alusão na mesma passagem de *Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana*, e também em *A Interpretação dos Sonhos* (*ibid.*, Vol. V, ver em [1], IMAGO Editora, 1972). Sua idade na ocasião da primeira volta a Freiberg era também um ano menos do que a aqui indicada. Ele estava com dezesseis anos, como nos diz na “Carta ao Burgomestre de Príbor” (1931e), *ibid.*, Vol. XXI, ver em [1], IMAGO Editora, 1974. Ficamos sabendo, também por essa fonte, que a família com que se hospedou chamava-se Fluss, e uma das filhas dessa família, Gisela, é a figura central da presente história. O episódio é integralmente descrito no primeiro volume da biografia de Ernest Jones (1953, 27-9 e 35-7).

## LEMBRANÇAS ENCOBRIDAS

No curso de meu tratamento psicanalítico de casos de histeria, neurose obsessiva etc., tenho freqüentemente lidado com recordações fragmentárias dos primeiros anos da infância, que permaneceram na memória dos pacientes. Como mostrei em outros textos, deve-se atribuir grande importância patogênica às impressões dessa época da vida. Mas o tema das lembranças da infância está, de qualquer modo, destinado a ser de interesse psicológico, pois elas põem em notável relevo uma diferença fundamental entre o funcionamento psíquico das crianças e dos adultos. Ninguém contesta o fato de que as experiências dos primeiros anos de nossa infância deixam traços inerradicáveis nas profundezas de nossa mente. Entretanto, ao procurarmos averiguar em nossa *memória* quais as impressões que se destinaram a influenciar-nos até o fim da vida, o resultado é, ou absolutamente nada, ou um número relativamente pequeno de recordações isoladas, que são freqüentemente de importância duvidosa ou enigmática. É somente a partir do sexto ou sétimo ano - em muitos casos, só depois dos dez anos - que nossa vida pode ser reproduzida na memória como uma cadeia concatenada de eventos. Daí em diante, porém, há também uma relação direta entre a importância psíquica da experiência e sua retenção na memória. O que quer que pareça importante por seus efeitos imediatos ou diretamente subsequentes é recordado; o que quer que seja julgado não essencial é esquecido. Quando consigo lembrar um acontecimento por muito tempo após sua ocorrência, encaro o fato de tê-lo retido na memória como uma prova de que ele causou em mim, na época, uma profunda impressão. Surpreendo-me ao esquecer uma coisa importante, e talvez me sinta ainda mais surpreso ao recordar alguma coisa aparentemente irrelevante.

É apenas em certos estados mentais patológicos que torna a deixar de aplicar a relação mantida, nos adultos normais, entre a importância psíquica de um evento e sua retenção na memória. Por exemplo, o histérico habitualmente mostra uma amnésia em relação a algumas ou todas as experiências que levaram à instalação de sua doença, as quais, por isso mesmo, tornaram-se importantes para ele, e que, independentemente disso, podem ter sido importantes por si mesmas. A analogia entre esse tipo de amnésia patológica e a amnésia normal que afeta nossos primeiros anos de vida parece-me fornecer um valioso indício da íntima ligação que existe entre o conteúdo psíquico das neuroses e nossa vida infantil.

Estamos tão acostumados a essa falta de lembrança das impressões infantis que tendemos a desconsiderar o problema subjacente a ela, e nos inclinamos a explicá-lo como uma consequência óbvia do caráter rudimentar das atividades mentais das crianças. Na verdade, porém, uma criança normalmente desenvolvida de três ou quatro anos já exhibe uma ampla margem de funcionamento mental altamente organizado, tanto em suas comparações e inferências quanto na expressão de seus sentimentos; e não há nenhuma razão evidente pela qual a amnésia deva incidir sobre esses atos psíquicos, que não são menos importantes do que os de idade

posterior.

Antes de abordarmos problemas psicológicos ligados às mais antigas lembranças da infância, seria essencial, é claro, fazer uma coleta de material, enviando circulares a um número bastante grande de adultos e descobrindo que espécie de recordações eles são capazes de fornecer desses primeiros anos. Um primeiro passo nessa direção foi dado em 1895 por V. e C. Henri, que circularam um formulário de perguntas por eles preparado. Os resultados altamente sugestivos desse questionário, que colheu respostas de cento e vinte e três pessoas, foram publicados pelos dois autores em 1897. Não tenho intenção de discutir, no momento, o assunto como um todo, e assim me contentarei em enfatizar os poucos pontos que me permitirão introduzir a idéia do que denominei de “lembranças encobridoras”.

A idade a que o conteúdo dessas primeiras lembranças da infância costuma remontar é o período entre dois e quatro anos. (Esse é o caso de oitenta e oito pessoas na série observada pelos Henris.) Há alguns indivíduos, entretanto, cujas lembranças recuam ainda mais - até mesmo ao período antes de completarem seu primeiro aniversário; por outro lado, há aqueles cujas recordações mais antigas remontam apenas aos seis, sete ou mesmo oito anos. Não há nada, por ora, que mostre o que mais está relacionado com essas diferenças individuais; mas convém notar, dizem os Henris, que uma pessoa cuja primeira recordação remonta a uma idade muito tenra - ao primeiro ano de vida, talvez - terá também a seu dispor outras lembranças isoladas dos anos seguintes, e poderá reproduzir suas experiências como uma cadeia contínua a partir de um ponto mais recuado no tempo - por exemplo, a partir dos cinco anos - do que é possível para outras pessoas, cuja primeira lembrança data de época posterior. Assim, em casos particulares, não apenas a data do aparecimento da primeira recordação, mas também toda a função da memória, pode ser avançada ou retardada.

Um interesse muito especial prende-se à questão do *conteúdo* usual dessas primeiras lembranças da infância. A psicologia dos adultos nos levaria necessariamente a esperar que fossem selecionadas como dignas de recordação as experiências que tivessem despertado alguma emoção poderosa ou que, em virtude de suas conseqüências, tivessem sido reconhecidas como importantes logo após sua ocorrência. E, de fato, algumas das observações coligidas pelos Henris parecem atender a essa expectativa. Eles relatam que o conteúdo mais freqüente das primeiras lembranças da infância constitui-se, de um lado, das situações de medo, vergonha, dor física etc. e, de outro, de acontecimentos importantes como doenças, mortes, incêndios, nascimentos de irmãos e irmãs etc. Poderíamos, portanto, inclinar-nos a presumir que o princípio que rege a escolha das lembranças é o mesmo, tanto no caso de crianças quanto de adultos. É compreensível - embora esse fato mereça ser explicitamente mencionado - que as lembranças retidas da infância evidenciem, necessariamente, a diferença entre o que desperta o interesse da criança e o do adulto. Isso explica facilmente por que, por exemplo, uma mulher relata lembrar-se de diversos acidentes ocorridos com suas bonecas quando ela contava dois anos de idade, mas não tem nenhuma recordação dos eventos sérios e trágicos que possa ter observado na mesma

época.

Agora, entretanto, estamos diante de um fato diametralmente oposto a nossas expectativas e que fatalmente nos assombra. Somos informados de que há algumas pessoas cujas recordações mais remotas da infância relacionam-se com eventos cotidianos e irrelevantes, que não poderiam produzir qualquer efeito emocional nem mesmo em crianças, mas que são recordados (com *demasiada* nitidez, fica-se inclinado a dizer) em todos os detalhes, enquanto outros acontecimentos aproximadamente contemporâneos não foram retidos em sua memória, mesmo que, segundo o testemunho de seus pais, tenham-nos comovido intensamente na ocasião. Assim, os Henris mencionam um professor de filologia cuja lembrança mais antiga, situada entre os três e quatro anos, mostrava-lhe uma mesa posta para uma refeição e, sobre ela, uma bacia com gelo. Na mesma época, ocorreu a morte de sua avó, o que, de acordo com seus pais, foi um rude golpe para o garoto. Mas o atual professor de filologia não tem nenhuma recordação dessa perda; tudo de que se lembra daqueles dias é a bacia de gelo. Outro homem relata que sua lembrança mais antiga é um episódio durante um passeio a pé, no qual ele quebrou um galho de árvore. Ele acredita que ainda é capaz de identificar o local onde isso ocorreu. Havia várias outras pessoas presentes, e uma delas o ajudou.

Os Henris descrevem tais casos como sendo raros. Segundo minha experiência, que em sua maior parte, é verdade, baseia-se em neuróticos, eles são bastante freqüentes. Um dos sujeitos da investigação dos Henris fez uma tentativa de explicar a ocorrência dessas imagens mnêmicas cuja inocência as torna tão misteriosas, e sua explicação me parece extremamente pertinente. Ele acha que, nesses casos, a cena relevante pode ter sido retida na memória apenas *incompletamente*, e essa talvez seja a razão de parecer tão pouco esclarecedora: as partes esquecidas continham, provavelmente, tudo o que era digno de nota na experiência. Posso confirmar a veracidade dessa concepção, embora prefira dizer que esses elementos da experiência foram *omitidos*, em vez de esquecidos. Tenho conseguido com freqüência, por meio do tratamento psicanalítico, descobrir as partes que faltam numa experiência infantil, provando assim que a impressão da qual não se reteve mais do que um fragmento na memória, uma vez restaurada em sua íntegra, mostra efetivamente confirmar o pressuposto de que as coisas mais importantes é que são recordadas. Isso, entretanto, não fornece nenhuma explicação para a notável escolha feita pela memória entre os elementos da experiência. Devemos primeiro indagar por que se suprime precisamente o que é importante, retendo-se o irrelevante; e não encontraremos uma explicação para isso enquanto não tivermos investigado mais a fundo o mecanismo desses processos. Verificaremos então que há duas forças psíquicas envolvidas na promoção desse tipo de lembranças. Uma dessas forças encara a importância da experiência como um motivo para procurar lembrá-la, enquanto a outra - uma resistência - tenta impedir que se manifeste qualquer preferência dessa ordem. Essas duas forças opostas não se anulam mutuamente, nem qualquer delas predomina (com ou sem perda para si própria) sobre a outra. Em vez disso, efetua-se uma conciliação, numa analogia aproximada com a resultante de um

paralelogramo de forças. E a conciliação é a seguinte: o que é registrado como imagem mnêmica não é a experiência relevante em si - nesse aspecto, prevalece a resistência; o que se registra é um outro elemento psíquico intimamente associado ao elemento passível de objeção - e, nesse aspecto, o *primeiro* princípio mostra sua força: o princípio que se esforça por fixar as impressões importantes, estabelecendo imagens mnêmicas reproduzíveis. O resultado do conflito, portanto, é que, em vez da imagem mnêmica que seria justificada pelo evento original, produz-se uma outra, que foi até certo ponto associativamente *deslocada* da primeira. E já que os elementos da experiência que suscitaram objeção foram precisamente os elementos importantes, a lembrança substituta perde necessariamente esses elementos importantes e, por conseguinte, é muito provável que se nos afigure trivial. Ela nos parece incompreensível porque nos inclinamos a buscar a razão de sua retenção em seu próprio conteúdo, ao passo que essa retenção se deve, de fato, à relação que existe entre seu conteúdo e um conteúdo diferente, que foi suprimido. Há entre nós um dito corrente sobre as falsificações, no sentido de que, em si mesmas, elas não são feitas de ouro, mas estiveram perto de algo *realmente* feito de ouro. É bem possível aplicar essa mesma comparação a algumas das experiências infantis retidas na memória.

Há numerosos tipos possíveis de casos em que um conteúdo psíquico aparece em lugar de outro, e estes se manifestam numa multiplicidade de constelações psicológicas. Um dos casos mais simples é obviamente o que ocorre nas lembranças infantis que nos interessam aqui - isto é, o caso em que os elementos essenciais de uma experiência são representados na memória pelos elementos não essenciais da mesma experiência. Trata-se de um caso de deslocamento para alguma coisa associada por continuidade; ou, examinando-se o processo como um todo, de um caso de recalçamento acompanhado de substituição por algo próximo (seja no espaço ou no tempo). Em outra oportunidade tive ocasião de descrever um exemplo muito semelhante de substituição ocorrida na análise de uma paciente que sofria de paranóia. A mulher em questão tinha alucinações com vozes que lhe repetiam longas passagens do romance *Die Heiterethei*, de Otto Ludwig. Mas as passagens escolhidas pelas vozes eram as mais insignificantes e irrelevantes do livro. A análise mostrou, contudo, que havia outras passagens na mesma obra que tinham suscitado na paciente os mais aflitivos pensamentos. O afeto aflitivo motivara a construção de uma defesa contra essas idéias, mas os motivos para levá-las adiante recusaram-se a ser suprimidos. O resultado foi uma conciliação, pela qual as passagens inocentes emergiam na memória da paciente com força e nitidez patológicas. O processo que aqui vemos em ação - conflito, recalçamento e substituição envolvendo uma conciliação - retorna em todos os sintomas psiconeuróticos e nos fornece a chave para compreendermos sua formação. Portanto, não deixa de ter importância que possamos mostrar o mesmo processo em ação na vida mental de indivíduos normais. O fato de esse processo influenciar, nas pessoas normais, precisamente a escolha de suas lembranças infantis parece proporcionar mais um indício das íntimas relações em que vimos insistindo entre a vida mental das crianças e o material psíquico das neuroses.

Os processos da defesa normal e patológica e os deslocamentos em que resultam são

claramente de grande importância. Mas, ao que eu saiba até hoje os psicólogos não fizeram nenhum estudo sobre eles, e resta ainda definir em que camadas da atividade psíquica e em que condições eles entram em ação. É bem possível que a razão dessa negligência esteja no fato de que nossa vida mental, na medida em que é objeto de nossa percepção interna *consciente*, nada nos mostra desses processos, salvo pelos casos que classificamos de “raciocínio falho” e por algumas operações mentais que visam produzir um efeito cômico. A asserção de que é possível deslocar uma intensidade psíquica de uma representação (que é então abandonada) para outra (que daí por diante desempenha o papel psicológico da primeira) é tão desnorteante para nós quanto certas características da mitologia grega - por exemplo, quando se diz que os deuses vestem alguém de beleza como se esta fosse um véu, enquanto *nós* pensamos apenas num rosto transfigurado por uma mudança de expressão.

As investigações adicionais dessas lembranças infantis irrelevantes ensinaram-me que elas podem também originar-se de outras maneiras, e que uma insuspeitada riqueza de significados se oculta por trás de sua aparente inocência. Quanto a esse aspecto, porém, não me contentarei com uma simples asserção, mas fornecerei um relato pormenorizado de um caso particular que me parece o mais instrutivo dentre um número considerável de casos similares. Seu valor é seguramente aumentado pelo fato de relacionar-se com alguém que de modo algum é neurótico, ou que só o é muito levemente.

O sujeito dessa observação é um homem de instrução universitária, com trinta e oito anos de idade. Embora sua profissão se situe em campo muito diferente, ele passou a se interessar por questões psicológicas desde a ocasião em que consegui livrá-lo de uma leve fobia por meio da psicanálise. No ano passado, ele me chamou atenção para suas lembranças infantis, que já tinham desempenhado certo papel em sua análise. Após estudar a pesquisa efetuada por V. e C. Henri, ele me forneceu o seguinte relato sumarizado de sua própria experiência.

“Disponho de um bom número de antigas lembranças da infância, que posso datar com grande certeza, pois, por volta dos três anos de idade, deixei o lugarejo onde nascera e me mudei para uma grande cidade; e todas essas minhas lembranças relacionam-se com meu lugar de nascimento e correspondem, portanto, ao segundo e terceiro anos de minha vida. Em sua maioria, são cenas curtas, mas muito bem conservadas e providas de todos os detalhes da percepção sensorial, em completo contraste com minhas lembranças dos anos adultos, às quais falta inteiramente o elemento visual. Dos três anos em diante, minhas recordações tornam-se mais escassas e menos claras; há lacunas nelas que devem cobrir mais de um ano; e creio que é só depois dos seis ou sete anos que o fluxo de minhas lembranças torna-se contínuo. As lembranças anteriores à época em que deixei minha primeira residência dividem-se em três grupos. O primeiro grupo consiste em cenas que meus pais me descreveram repetidamente desde então. Quanto a estas, não sei ao certo se já tinha sua imagem mnêmica desde o início, ou se só a reconstruí depois de ouvir uma dessas descrições. Posso assinalar, entretanto, que há também acontecimentos dos quais não tenho nenhuma imagem mnêmica, apesar de terem sido

freqüentemente relatados com minúcias por meus pais. Atribuo mais importância ao segundo grupo. Este compreende cenas que não me foram descritas (pelo menos ao que eu saiba), algumas das quais, na verdade, *não poderiam* ter-me sido descritas, já que não voltei a encontrar os outros participantes delas (minha babá e meus companheiros de brincadeiras) desde sua ocorrência. Logo chegarei ao terceiro grupo. No que se refere ao conteúdo dessas cenas e à conseqüente razão de serem lembradas, gostaria de dizer que não estou inteiramente perdido. A rigor, não posso sustentar que as lembranças que retive sejam lembranças dos acontecimentos mais importantes desse período, ou dos que eu hoje reputaria como os mais importantes. Não tomei conhecimento do nascimento de uma irmã dois anos e meio mais nova que eu, e minha partida, minha primeira visão da estrada de ferro e a longa viagem de charrete até ela - nada disso deixou qualquer traço em minha memória. Por outro lado, consigo lembrar-me de duas pequenas ocorrências durante a viagem de trem; estas, como o senhor se lembrará, emergiram na análise de minha fobia. Mas o que mais deveria ter-me impressionado foi um ferimento em meu rosto, que causou considerável perda de sangue e devido ao qual um cirurgião teve que me dar alguns pontos. Ainda posso sentir a cicatriz resultante desse acidente, mas não sei de nenhuma lembrança que o aponte, nem direta nem indiretamente. É verdade que eu talvez tivesse menos de dois anos nessa época.

“Decorre daí que não sinto nenhuma surpresa diante dos quadros e cenas desses dois primeiros grupos. Sem dúvida, são lembranças deslocadas cujo elemento essencial, na maioria dos casos, foi omitido. Mas em alguns ele é ao menos sugerido, e em outros, é-me fácil completá-lo seguindo certos indícios. Ao fazê-lo, consigo estabelecer uma sólida conexão entre os fragmentos separados das lembranças e chegar a uma compreensão clara de qual foi o interesse infantil que recomendou essas ocorrências específicas a minha memória. Isso não se aplica, entretanto, ao conteúdo do terceiro grupo, que não discuti até aqui. Vejo-me aí defrontado por um material - uma cena bastante longa e vários quadros menores - com o qual não consigo fazer nenhum progresso. A cena me parece bem irrelevante, e não posso compreender por que se fixou em minha memória. Deixe-me descrevê-la para o senhor. Vejo uma pradaria retangular com um declive bastante acentuado, verde e densamente plantada; no relvado há um grande número de flores amarelas - evidentemente, dentes-de-leão comuns. No topo da campina há uma casa de campo e, frente a sua porta, duas mulheres conversam animadamente - uma camponesa com um lenço na cabeça e uma babá. Três crianças brincam na grama. Uma delas sou eu mesmo (na idade de dois ou três anos); as duas outras são meu primo, um ano mais velho que eu, e sua irmã, que tem quase exatamente a minha idade. Estamos colhendo as flores amarelas e cada um de nós segura um ramo de flores já colhidas. A garotinha tem o ramo mais bonito e, como que por um acordo mútuo, nós - os dois meninos - caímos sobre ela e arrebatamos suas flores. Ela sobe correndo a colina, em lágrimas, e a título de consolo a camponesa lhe dá um grande pedaço de pão preto. Mal vemos isso, jogamos fora as flores, corremos até a casa e pedimos pão também. E de fato o recebemos; a camponesa corta as fatias com uma longa faca. Em minha lembrança, o

pão tem um sabor delicioso - e nesse ponto a cena se interrompe.

“Ora, o que há nessa ocorrência para justificar o dispêndio de memória que ela me acarretou? Em vão quebrei a cabeça para descobrir. Será que a ênfase está em nosso comportamento desagradável para com a garotinha? Será que a cor amarela dos dentes-de-leão - uma flor que hoje, é claro, estou longe de admirar - me agradou tanto assim? Ou será que, em consequência de minha corrida pela grama, o pão me pareceu tão mais saboroso do que de hábito, a ponto de me deixar uma impressão inesquecível? Também não consigo descobrir nenhuma ligação entre essa cena e o interesse que (como pude descobrir sem qualquer dificuldade) mantinha unidas as outras cenas de minha infância. *Grosso modo*, parece-me que alguma coisa não está muito certa nessa cena. O amarelo das flores é um elemento desproporcionalmente destacado na situação como um todo, e o gosto saboroso do pão me parece exagerado de maneira quase alucinatória. Não consigo deixar de me lembrar de uns quadros que vi certa vez numa exposição de um teatro de variedades. Certas partes desses quadros, e naturalmente as menos apropriadas, em vez de serem pintadas, destacavam-se em três dimensões - por exemplo, as anquinhas das damas. Bem, o senhor saberia indicar algum meio de encontrar uma explicação ou interpretação para essa lembrança redundante de minha infância?”

Achei recomendável perguntar-lhe desde quando se ocupava com essa recordação: se achava que ela vinha retornando periodicamente a sua lembrança desde a infância, ou se ela teria emergido em alguma ocasião posterior que pudesse ser recordada. Essa pergunta foi tudo o que se fez necessário para que eu contribuísse para a solução do problema; o resto foi descoberto por meu próprio colaborador, que não era neófito em tarefas desse tipo.

-Eu ainda não havia pensado nisso, respondeu ele. - Agora que o senhor levantou a questão, parece-me quase com certeza que essa lembrança infantil nunca me ocorreu em meus primeiros anos. Mas lembro-me também da ocasião que levou à recuperação dessa e de muitas outras recordações de minha tenra infância. Quando tinha dezessete anos e estava na escola secundária, voltei pela primeira vez a minha terra natal para passar férias com uma família que fora nossa amiga desde aquela época remota. Sei muito bem da abundância de impressões que se apossou de mim nessa ocasião. Mas vejo agora que terei que contar-lhe um longo trecho de minha história: ele é pertinente a isso e o senhor mesmo o suscitou com sua pergunta. Portanto, escute. Meus pais eram originalmente pessoas abastadas e que, imagino, viviam com bastante conforto naquele cantinho de província. Quando eu tinha cerca de três anos, o ramo industrial em que meu pai trabalhava sofreu uma catástrofe. Ele perdeu todos os seus bens e fomos forçados a deixar a localidade, mudando-nos para uma cidade grande. Seguiram-se alguns anos longos e difíceis, dos quais, parece-me, nada é digno de ser lembrado. Nunca me senti realmente à vontade na cidade. Acredito agora que nunca me livre da saudade dos lindos bosques próximos de nossa casa, onde (como me diz uma de minhas recordações daqueles dias) eu costumava fugir de meu pai, quase antes mesmo de aprender a andar. Aquelas férias aos dezessete anos foram minhas primeiras

férias no campo e, como já disse, hospedei-me com uma família da qual éramos amigos e que tinha conseguido uma grande ascensão social desde nossa mudança. Pude comparar o conforto reinante por lá com nosso próprio estilo de vida em casa, na cidade. Mas não adianta continuar a fugir do assunto: devo admitir que houve outra coisa que me excitou poderosamente. Eu estava com dezessete anos e na família com que me hospedei havia uma filha de quinze anos, por quem me apaixonei imediatamente. Esse foi meu primeiro amor, e foi bastante intenso, mas eu o mantive em completo segredo. Passados alguns dias, a menina voltou a sua escola (de onde também viera passar férias em casa), e foi essa separação, depois de um contato tão breve, que realmente levou minha saudade ao auge. Passei muitas horas em caminhadas solitárias pelos bosques adoráveis que havia redescoberto, e passava o tempo construindo castelos no ar. Curiosamente, eles não se relacionavam com o futuro, mas procuravam melhorar o passado. Que bom se a bancarrota não tivesse ocorrido! Ah, se eu tivesse ficado e crescido no campo, e me tornado forte como os rapazes da casa, os irmãos de minha amada! E se tivesse seguido a profissão de meu pai, e finalmente casado com ela, pois a teria conhecido intimamente por todos aqueles anos! É claro que eu não tinha a menor dúvida de que, nas circunstâncias criadas por minha imaginação, eu a teria amado tão apaixonadamente quanto de fato me parecia amá-la nessa época. É estranho, porque agora, quando a vejo vez por outra - ela se casou com uma pessoa daqui - ela me é extraordinariamente indiferente. No entanto, lembro-me muito bem que, durante um bom tempo depois disso, eu era afetado pela cor amarela do vestido que ela estava usando quando nos encontramos pela primeira vez, em toda parte onde visse a mesma cor.

Isso soa muito parecido com seu comentário entre parênteses de que você não gosta mais do dente-de-leão comum. Não acha que pode haver uma ligação entre o amarelo do vestido da menina e o amarelo ultranítido das flores em sua cena infantil? [Cf. nota de rodapé 3, ver em [1].]

-É possível, mas não era o mesmo amarelo. O vestido era mais de um marrom-amarelado, mais parecido com a cor do goivo. Mas posso dar-lhe pelo menos uma idéia intermediária que talvez lhe seja útil. Numa ocasião posterior, quando estava nos Alpes, vi como certas flores que têm uma coloração clara nas planícies adquirem tons mais escuros em grandes altitudes. Se não estou muito equivocado, encontra-se freqüentemente, nas regiões montanhosas, uma flor muito semelhante ao dente-de-leão, mas que é amarelo-escuro, o que coincidiria exatamente com a cor do vestido da jovem de quem eu tanto gostava. Mas ainda não terminei. Vou lhe falar agora de uma segunda ocasião que avivou em mim certas impressões da infância, e que data de época não muito distante da primeira. Eu tinha dezessete anos quando revi minha cidade natal. Três anos depois, durante as férias, fui visitar meu tio e reencontrei seus filhos, que tinham sido meus primeiros parceiros de brincadeiras - os mesmos dois primos, o menino um ano mais velho que eu e a menina de minha idade, que aparecem na cena infantil com os dentes-de-leão. Essa família deixara minha cidade natal na mesma época que nós e prosperara numa cidade muito distante.

E você voltou a se apaixonar - dessa vez por sua prima -, e se entregou a um novo grupo de fantasias?

-Não, dessa vez as coisas foram diferentes. Nessa época eu estava na universidade e era escravo de meus livros. Não me sobrava nada para minha prima. Tanto quanto posso perceber, não tive nenhuma fantasia semelhante nessa ocasião. Mas creio que meu pai e meu tio haviam arquitetado um plano pelo qual eu deveria trocar o tema obscuro de meus estudos por alguma coisa de maior valor prático, estabelecer-me, depois de concluir meus estudos, no lugar onde meu tio morava, e desposar minha prima. Sem dúvida, quando perceberam o quanto eu estava absorto em minhas próprias intenções, o plano foi abandonado; mas imagino que eu certamente me dera conta de sua existência. Só mais tarde, quando já era um cientista inexperiente, duramente pressionado pelas exigências da vida, e quando tive que aguardar muito tempo até conseguir uma colocação aqui, é que devo ter pensado, algumas vezes, que meu pai tivera boas intenções ao planejar aquele casamento, para compensar a perda em que a catástrofe inicial tinha envolvido toda a minha existência.

Nesse caso, tendo a acreditar que a cena infantil que estamos examinando tenha emergido nessa época, quando você estava lutando pelo pão de cada dia - desde, naturalmente, que você possa confirmar minha idéia de que foi durante esse mesmo período que teve seu primeiro contato com os Alpes.

-Sim, é isso mesmo: o montanhismo era o único divertimento que eu me permitia nessa época. Mas ainda não consigo acompanhar seu raciocínio.

Já chego lá. O elemento que você mais enfatizou em sua cena infantil foi o fato de o pão feito no interior ter um sabor tão delicioso. Parece claro que essa representação, que equivalia quase a uma alucinação, correspondia a sua fantasia na vida confortável que teria levado se tivesse ficado no campo e casado com aquela moça [de vestido amarelo] - ou, em linguagem simbólica, de como seria doce o sabor do pão pelo qual você vinha tendo de lutar tão arduamente nos últimos anos. Também o amarelo das flores aponta para essa mesma moça. Mas há ainda alguns elementos da cena infantil que só podem estar relacionados com a segunda fantasia - a de desposar sua prima. Jogar fora as flores em troca do pão não me parece ser um mau disfarce para o esquema que seu pai lhe tinha preparado: você deveria desistir de suas idéias impraticáveis e dedicar-se a uma ocupação "pão com manteiga", não é mesmo?

-Então, parece que combinei os dois conjuntos de fantasias sobre como minha vida poderia ter sido mais fácil: de um lado, o "amarelo" e o "pão feito no campo" e, de outro, as flores jogadas fora e as pessoas reais envolvidas.

Sim. Você projetou as duas fantasias uma na outra e fez delas uma lembrança infantil. O elemento das flores alpinas constitui, por assim dizer, um selo indicando a data da fabricação. Posso garantir-lhe que as pessoas muitas vezes constroem essas coisas inconscientemente - quase como obras de ficção.

-Mas, se é assim, não houve *nenhuma* lembrança infantil, apenas uma fantasia recolocada na infância. No entanto, sinto que a cena é autêntica. Como se explica isso?

Em geral, não há nenhuma garantia quanto aos dados produzidos por nossa memória.

Mas estou pronto a concordar com você em que a cena é autêntica. Nesse caso, você a selecionou dentre inúmeras outras da mesma espécie ou não, porque, graças a seu conteúdo (em si mesmo irrelevante), ela se prestava bem para representar as duas fantasias, tão importantes para você. Uma recordação como essa, cujo valor reside no fato de representar na memória impressões e pensamentos de uma data posterior cujo conteúdo está ligado a ela por elos simbólicos ou semelhantes, pode perfeitamente ser chamada de “*lembrança encobridora*”. De qualquer modo, você deixará de se sentir surpreso pela freqüente repetição dessa cena em sua mente. Ela não pode mais ser considerada inocente, já que, como descobrimos, é a conta certa para ilustrar os mais importantes pontos críticos de sua vida, a influência das duas mais poderosas forças motivacionais - a fome e o amor.

-É, ela representou bem a fome. Mas, e o amor?

No amarelo das flores, a meu ver. Mas não posso negar que, nessa sua cena infantil, o amor é representado com muito menos destaque do que eu poderia esperar com base em minha experiência prévia.

-Não, o senhor está enganado. A essência dela é a representação do amor. Agora estou entendendo pela primeira vez. Pense um instante! Tirar as flores de uma menina significa deflorá-la. Que contraste entre o des pudor dessa fantasia e minha timidez na primeira ocasião, e minha indiferença na segunda.

Posso assegurar-lhe que a timidez juvenil costuma ter como complemento esse tipo de fantasias despudoradas.

-Mas, nesse caso, a fantasia que se transformou nessas lembranças infantis não seria uma fantasia consciente de que eu pudesse lembrar-me, e sim uma fantasia inconsciente, não é?

Pensamentos inconscientes que são um prolongamento dos pensamentos conscientes. Você pensa consigo mesmo, “Ah, se eu tivesse casado com fulana”, e por trás desse pensamento há um impulso a formar um quadro daquilo em que realmente consiste esse “estar casado”.

-Agora posso prosseguir sozinho. A parte mais sedutora de todo esse assunto para um molecote é o quadro da noite de núpcias. (Que lhe importa o que vem depois?) Mas esse quadro não pode arriscar-se à luz do dia: a atitude predominante de acanhamento e respeito perante a mocinha o mantém suprimido. Assim, ele permanece inconsciente...

E resvala para uma lembrança infantil. Você tem toda razão. É precisamente o elemento grosseiramente sensual da fantasia que explica por que ela não evolui para uma fantasia *consciente*, devendo antes contentar-se em se transformar alusivamente e sob um disfarce floreado numa cena infantil.

-Mas o que eu gostaria de saber é por que justamente numa cena *infantil*?

Por sua inocência, talvez. Você seria capaz de imaginar um contraste maior com essas intenções de agressão sexual grosseira do que uma brincadeira infantil? Entretanto, há fundamentos mais gerais que têm uma influência decisiva na promoção do deslizamento dos pensamentos e desejos recalçados para lembranças infantis, pois você constatará que a mesma

coisa acontece invariavelmente nos pacientes histéricos. Além disso, é como se a própria recordação do passado remoto fosse facilitada por algum motivo prazeroso: *forsan et haec olim meminisse juvabit*.

-Sendo assim, perdi toda a confiança na autenticidade da cena dos dentes-de-leão. Eis como vejo tudo isso: nas duas ocasiões em questão, e com o apoio de motivos realistas muito compreensíveis, ocorreu-me o seguinte pensamento: “Se eu tivesse desposado essa ou aquela moça, minha vida se teria tornado muito mais agradável.” A corrente sensual de minha mente se apossou do pensamento contido na prótase e a repetiu em imagens de um tipo capaz de proporcionar a mesma satisfação sensual atual. Essa segunda versão do pensamento permaneceu inconsciente, graças a sua incompatibilidade com a predisposição sexual dominante; mas o próprio fato de permanecer inconsciente permitiu-lhe persistir em minha mente muito depois de as mudanças na situação real se terem desfeito por completo da versão consciente. Segundo uma lei geral, como diz o senhor, a oração que permanecera inconsciente procurou transformar-se numa cena infantil que, por sua inocência, poderia tornar-se consciente. Para isso, ela teve que sofrer uma nova transformação, ou melhor, duas novas transformações. Uma destas eliminou o elemento passível de objeção na prótase, expressando-o figurativamente; a segunda impôs à apódose uma forma passível de representação visual - usando, para esse fim, as representações intermediárias de “pão” e de “ocupações pão-com-manteiga” [prosaicas]. Vejo que, ao produzir uma fantasia como essa, eu estava promovendo, por assim dizer, a realização dos dois desejos recalcados - de defloração e de conforto material. Mas agora que dei uma explicação tão completa dos motivos que me levaram à produção da fantasia dos dentes-de-leão, não posso deixar de concluir que estou lidando com uma coisa que nunca aconteceu, mas foi injustificada e sub-repticiamente introduzida em minhas lembranças infantis.

Vejo que preciso tomar a defesa da autenticidade dela. Você está indo longe demais. Aceitou minha afirmação de que toda fantasia suprimida dessa espécie tende a deslizar para uma cena infantil. Mas suponha agora que isso não possa ocorrer, a menos que haja um traço mnêmico cujo conteúdo ofereça à fantasia um ponto de contato - como se andasse meio caminho até ela. Uma vez encontrado um ponto de contato desse tipo - no presente caso, foi o defloração, o retirar as flores -, o conteúdo remanescente da fantasia é remodelado com a ajuda de todos os pensamentos intermediários legítimos - tome o pão como um exemplo -, até que possa encontrar outros pontos de contato com o conteúdo da cena infantil. É muito possível que, no decorrer desse processo, a própria cena infantil também sofra mudanças; considero certo que também é possível promover falsificações da memória dessa maneira. No seu caso, a cena infantil parece apenas ter tido algumas de suas linhas gravadas mais profundamente: pense na ênfase exagerada no amarelo e na qualidade excessivamente saborosa do pão. Mas a matéria-prima era utilizável. Não fosse por isso, não teria sido possível que essa lembrança particular, em vez de quaisquer outras, ganhasse acesso à consciência. Nenhuma cena desse tipo lhe teria ocorrido como uma lembrança infantil, ou talvez lhe ocorresse alguma outra - pois você sabe como é fácil para nossa

engenhosidade construir pontes de ligação entre dois pontos quaisquer. E afora seu sentimento subjetivo, que não estou inclinado a subestimar, há mais uma coisa que depõe a favor da autenticidade de sua lembrança dos dentes-de-leão. Ela contém elementos que não foram solucionados pelo que você me disse e que, a rigor, não se coadunam com o sentido requerido pela fantasia. Por exemplo, seu primo ajudando-o a roubar as flores da garotinha - faz algum sentido para você o pensamento de ser ajudado num defloramento? ou o da camponesa e da babá defronte à casa?

-Não que eu possa perceber.

Logo, a fantasia não coincide completamente com a cena infantil. Baseia-se nela apenas em certos pontos, e isso depõe a favor da autenticidade da lembrança infantil.

-O senhor acha que uma interpretação como essa, de uma lembrança infantil aparentemente inocente, é aplicável com freqüência?

Muito freqüentemente, em minha experiência. Que tal nos divertimos verificando se os dois exemplos dados pelos Henris podem ser interpretados como lembranças encobridoras, ocultando experiências e desejos subseqüentes? Refiro-me à lembrança da mesa posta para uma refeição, com uma bacia de gelo sobre ela, que se supôs ter alguma ligação com a morte da avó do sujeito, e à outra lembrança, de uma criança quebrando um galho de árvore durante um passeio e sendo ajudada por alguém.

Ele refletiu um pouco e respondeu:

-Não consigo deduzir coisa alguma da primeira. É muito provável que se trate de um caso de deslocamento em ação; mas é impossível adivinhar os passos intermediários. Quanto ao segundo caso, eu teria condições de fazer uma interpretação, se a pessoa envolvida não fosse um francês.

Não estou acompanhando seu raciocínio. Que diferença isso faz?

-Muita diferença, já que o passo intermediário entre uma lembrança encobridora e aquilo que ela esconde tende a ser fornecido por uma expressão verbal. Em alemão, "quebrar um galho" é uma expressão vulgar muito comum para designar a masturbação. A cena equivaleria, portanto, a recolocar na primeira infância uma tentação a se masturbar - com a ajuda de alguém - efetivamente ocorrida num período posterior. Mesmo assim, isso não se ajusta, pois na cena infantil havia diversas outras pessoas presentes.

Ao passo que a tentação dele a se masturbar deve ter ocorrido na solidão e em segredo. É justamente esse contraste que me inclina a aceitar sua visão: mais uma vez, ele serve para tornar a cena inocente. Você sabe o que significa vermos, num sonho, "uma porção de estranhos", como acontece tão freqüentemente nos sonhos de nudez em que nos sentimos tão terrivelmente embaraçados? Nada mais, nada menos, do que o sigilo, que ali se expressa novamente por seu oposto. Entretanto, nossa interpretação permanece como uma brincadeira, já que não sabemos se um francês reconheceria uma alusão à masturbação nas palavras *casser une branche d'un arbre* ou em alguma expressão apropriadamente retificada.

Essa análise, que reproduzi tão acuradamente quanto possível, terá, espero, esclarecido até certo ponto o conceito de “lembrança encobridora” como aquela que deve seu valor enquanto lembrança não a seu próprio conteúdo, mas às relações existentes entre esse conteúdo e algum outro que tenha sido suprimido. É possível distinguir diferentes classes de lembranças encobridoras, conforme a natureza dessa relação. Encontramos exemplos de duas dessas classes entre o que se descreve como as primeiras lembranças da infância - isto é, se incluirmos na categoria de lembranças encobridoras as cenas infantis incompletas, que são inocentes justamente por sua incompletude. Pode-se prever que as lembranças encobridoras também não de ser formadas de resíduos de lembranças relativas a etapas posteriores da vida. Quem quer que tenha em mente seu traço característico - a saber, que elas são extremamente bem lembradas, mas seu conteúdo é completamente irrelevante - evocará facilmente vários exemplos dessa espécie de sua própria memória. Algumas dessas lembranças encobridoras, versando sobre eventos posteriores da vida, devem sua importância a uma ligação com experiências da juventude que permaneceram suprimidas. Tal ligação é o reverso da existente no caso que analisei, onde uma lembrança infantil foi explicada por experiências posteriores. A lembrança encobridora pode ser descrita como “regressiva” ou “progressiva”, conforme exista uma ou outra relação cronológica entre o encobrimento e a coisa encoberta. De outro ponto de vista, podemos distinguir as lembranças encobridoras positivas das negativas (ou lembranças refratárias), cujo conteúdo estabelece uma relação antitética com o material suprimido. Todo esse assunto merece um exame mais completo, porém devo contentar-me em assinalar que há processos complicados - processos que, aliás, são inteiramente análogos à formação dos sintomas histéricos - envolvidos na construção de nosso estoque de lembranças.

Nossas primeiras lembranças infantis serão sempre um tema de especial interesse, porque o problema mencionado no início deste artigo (o fato de as impressões de maior importância para todo o nosso futuro geralmente não deixarem quaisquer imagens mnêmicas atrás de si) leva-nos a refletir sobre a origem das lembranças conscientes em geral. A princípio, sem dúvida, tendemos a isolar as lembranças encobridoras que são objeto deste estudo como elementos heterogêneos entre os resíduos das recordações infantis. No que concerne às imagens remanescentes, é provável que adotemos o ponto de vista simplista de que elas emergem simultaneamente a uma experiência, como conseqüência imediata da impressão por ela causada, e que, daí por diante, retornam de tempos em tempos, de acordo com as leis de reprodução conhecidas. Uma observação mais minuciosa, entretanto, revela certos traços que não combinam com essa concepção. Há, sobretudo, o seguinte aspecto: na maioria das cenas infantis importantes e, em outros aspectos, incontestáveis, o sujeito se vê na recordação como criança, sabedor de que essa criança é ele mesmo; no entanto, vê essa criança tal como a veria um observador externo à cena. Os Henris chamam devidamente a atenção para o fato de que muitos dos que participaram de sua pesquisa enfatizaram expressamente essa peculiaridade das cenas infantis. Ora, é evidente que tal quadro não pode ser uma repetição exata da impressão originalmente recebida, pois, na época,

o sujeito estava em meio à situação e não prestava atenção a si mesmo, mas sim ao mundo externo.

Sempre que numa lembrança o próprio sujeito assim aparecer como um objeto entre outros objetos, esse contraste entre o ego que age e o ego que recorda pode ser tomado como uma prova de que a impressão original foi elaborada. É como se um traço mnêmico da infância se retraduzisse numa forma plástica e visual em época posterior - na época do despertar da lembrança. Mas nenhuma reprodução da impressão original jamais penetrou na consciência do sujeito.

Há um outro fato que proporciona uma prova ainda mais convincente em favor dessa segunda visão. Dentre várias das lembranças infantis de experiências importantes, todas com nitidez e clareza similares, há algumas cenas que, quando verificadas (por exemplo, pelas recordações dos adultos), revelam ter sido falsificadas. Não que sejam completas invenções; são falsas no sentido de terem transposto um acontecimento para um lugar onde ele não ocorreu - é o caso de um dos exemplos citados pelos Henris -, ou de terem fundido duas pessoas numa só, ou substituído uma pela outra, ou então as cenas como um todo dão sinal de serem combinações de duas experiências separadas. A simples imprecisão da recordação não desempenha aqui um papel considerável, em vista do alto grau de intensidade sensorial de que as imagens são dotadas e da eficiência da função da memória nos jovens; a investigação detalhada mostra, antes, que esses falseamentos das lembranças são tendenciosos - isto é, que servem aos objetivos de recalque e deslocamento de impressões abjetáveis ou desagradáveis. Segue-se, portanto, que essas lembranças falsificadas também devem ter-se originado num período da vida em que se tornou possível conferir um lugar na vida mental a esse tipo de conflitos e aos impulsos ao recalque - muito posterior, portanto, ao período a que pertence seu conteúdo. Mas também nesses casos a lembrança falsificada é a primeira de que tomamos conhecimento: a matéria-prima dos traços mnêmicos de que a lembrança foi forjada permanece desconhecida para nós em sua forma original.

O reconhecimento desse fato deve reduzir a distinção que traçamos entre as lembranças encobridoras e outras lembranças derivadas de nossa infância. Com efeito, pode-se questionar se temos mesmo alguma lembrança *proveniente* de nossa infância: as lembranças *relativas* à infância talvez sejam tudo o que possuímos. Nossas lembranças infantis nos mostram nossos primeiros anos não como eles foram, mas tal como apareceram nos períodos posteriores em que as lembranças foram despertadas. Nesses períodos de despertar, as lembranças infantis não *emergiram*, como as pessoas costumam dizer; elas foram *formadas* nessa época. E inúmeros motivos, sem qualquer preocupação com a precisão histórica, participaram de sua formação, assim como da seleção das próprias lembranças.